



PAVÃO, Bruna Gois; VIEIRA, Marcia dos Santos Machado. **Predicações com os verbos relacionais *ser* e *estar***. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 14, Dezembro 2013. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

PREDICAÇÕES COM OS VERBOS RELACIONAIS *SER* E *ESTAR*

Bruna Gois Pavão (UFRJ)¹

Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ)²

RESUMO

Este artigo lida com resultados de uma pesquisa funcionalista de construções com os verbos relacionais *ser* e *estar* registrados em textos produzidos nas modalidades oral e escrita do Português Brasileiro e do Português Europeu. Objetiva expor os aspectos formais e funcionais de predicações nominais com tais verbos e também descrever similaridades e diferenças entre as construções com *ser* e as com *estar*. Nessa descrição, trata-se de matizes dessas construções, tomando-se por base noções como permanência/transitoriedade, duração/pontualidade, aparência/essência. E constata-se que a configuração semântica de tais construções é determinada não só pela semântica do verbo relacional, mas também pela natureza semântica do sintagma predicativo do sujeito, por elementos aspectualizadores e/ou temporais do contexto linguístico e pelo contexto discursivo-pragmático.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo; Gramática das Construções; Gramaticalização; Verbo relacional.

ABSTRACT

This paper deals with the results of a functionalist research about constructions with the copula verbs *ser* and *estar* registered in texts produced in the oral and written Brazilian Portuguese and European Portuguese. It aims to expose the formal and functional aspects of the nominal predications with such verbs and also to describe similarities and differences between the constructions with *ser* and the ones with *estar*. This description deals with semantic distinctions involved in such constructions, based on notions as permanence/transition, duration/punctuality, appearance/essence. It is confirmed that the semantic configuration of such constructions is determined not only by the relational verb semantics, but also by the semantic nature of the predicative phrase, by aspect and/or temporal elements of linguistic context or by discursive-pragmatic context.

KEYWORDS: Functionalism; Construction Grammar; Grammaticalization; Copular verb.

1. Mestranda em Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. brunagois@yahoo.com.br

2. Professora Associada I do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. mvmarcia@yahoo.com.br

Introdução

Com base em investigações de natureza funcionalista de construções com os verbos *ser* e *estar* encontrados em textos produzidos nas modalidades oral e escrita do Português Brasileiro e do Português de Portugal, descrevem-se, neste artigo, predicções em que tais verbos se vinculam à categoria de verbo relacional³, que se presta à classificação de muitas instâncias de uso desses verbos no *corpus* até então recolhido no âmbito do *Projeto PREDICAR - Formação e expressão de predicados complexos: gramaticalidade e lexicalização*. Objetiva-se expor aspectos formais e funcionais relativos às construções de estado com *ser* e *estar* em predicções nominais, bem como descrever similaridades e diferenças entre as construções com esses verbos.

Dentre os problemas relativos à caracterização morfossintática e semântica das construções com esses verbos relacionais e à descrição funcional das predicções em que eles ocorrem, propõe-se examinar aspectos como: (i) a estruturação mais frequente das predicções nominais do *corpus* – seus constituintes e a ordem destes; (ii) a natureza do sintagma sujeito dessas predicções; (iii) a configuração dos sintagmas predicativos sobre os quais os verbos relacionais operam gramaticalmente; (iv) o estatuto semântico de cada ocorrência das formas verbais em estudo, procurando detectar semelhanças e diferenças entre suas instâncias de uso; (v) a comparação entre instâncias de uso das construções com *ser* e *estar* nas duas modalidades expressivas consideradas e nas duas variedades; (vi) o estatuto funcional das predicções nominais que tais formas verbais integram.

Para tanto, conta-se com registros de construções com *ser* e *estar* como as que ocorrem nos seguintes enunciados:

(1) É inequívoca a falta de zelo na conduta do denunciado que, mesmo alertado pelos órgãos de controle, não tomou medidas para evitar as ocorrências, que hoje culminam com uma enxurrada de denúncias que abalam a administração pública federal como um todo. [PB, *Jornal O Globo online*, notícia, 01.12.11]

(2) a minha especialidade é a química, mas isto não é especialidade ainda, é uma generalidade, não é? [PE, VARPORT, entrevista DID, Oc-P-70-1m-001]

(3) Ele destacou que os locais turísticos **estão** mais controlados, mas que isso não garante que de repente as forças do Exército não entrem na Assembleia Legislativa, onde se encontram amotinados os policiais e cheguem atirando e que sobre para algum turista. [PB, *O Globo online*, notícia, 06.02.12]

3. Parte-se da definição de Machado Vieira (2004) de verbos relacionais: “verbos que se relacionam a elementos não-verbais com função atributiva, para conferir a estes elementos o papel de projetar sintática e semanticamente predicções, ou seja, função predicante”.

(4) Foram estes que, terminada a busca que fizeram a toda a casa, abrindo e despejando gavetas (deixaram tudo num completo reboliço, saíram primeiro da casa, ficando o «chefe» a vigiar a vítima, que **estava** deitada na cama, atada com os lençóis e com um pijama do marido, uma gravata e, até, com a sua própria camisa de dormir, que os gatunos lhe despiram para a amarrarem melhor. [PE, VARPORT, notícia, E-P-94-Jn-004]

Nos exemplos (1) e (2), observa-se que, tanto no Português Brasileiro quanto no Português Europeu, o verbo *ser* está funcionando como verbo relacional. Em (1), liga-se a um predicativo do sujeito sob a forma de sintagma adjetival, e em (2), liga-se a sintagmas nominais. Tais exemplos evidenciam duas possibilidades de ordenação desse tipo de predicação: verbo + predicativo do sujeito + sujeito (em (1)) e sujeito + verbo + predicativo do sujeito (em (2)). A primeira é bastante encontrada em construções de caracterização com avaliação subjetiva, típica de construções modais. E a segunda é mais frequente, ocorrendo em construções de caracterização com ou sem avaliação subjetiva. Nos dois exemplos de construções com *ser*, sobressai a noção de permanência.

Já (3) e (4) ilustram construções com o verbo relacional *estar* no PB e no PE, respectivamente, em que sobressai a noção de transitoriedade. Em ambas, o verbo liga-se a um sintagma adjetivo de base participial (“mais controlados”; “deitada na cama”, “atada com os lençóis e com um pijama do marido, uma gravata e, até, com sua própria camisa de dormir, que os gatunos lhe despiram para amarrarem melhor”). E assim, *estar* também pode ser categorizado como verbo auxiliar de passiva, já que as predicações em que ocorre podem ter leitura de construções de estado resultante (do movimento causado por “forças do Exército” no exemplo (3) e por “gatunos” no exemplo (4)). Os dois exemplos de construções com *estar* aparecem na ordem direta (sujeito + verbo + predicativo do sujeito).

A análise de predicações nominais como essas é feita sob uma ótica funcionalista que considera, no exame de dados do uso, (i) a articulação entre morfossintaxe, semântica, estrutura da informação e pragmática e (ii) uma concepção gradiente de categorização linguística, fundada em considerações como as de Taylor (1995), segundo a qual entidades são classificadas com base em seus atributos mais salientes cognitiva e linguisticamente e mediante relações de similaridade e dessemelhança quanto a configurações que delimitem categorias funcionais como prototípicas num *continuum* de potencialidades. Isso implica a coexistência e até inter-relação de diferentes categorias de funcionamento.

Também se levam em conta orientações recentes (BYBEE, 2011; GOLDBERG, 2003/2013; GISBORNE e PATTEN, 2011) que lidam com a perspectiva da gramaticalização de construções e, nessa linha, consideram toda a construção em que um item verbal se insere como sujeita ao processo de gra-

maticalização. No que diz respeito, mais especificamente, aos critérios de auxiliaridade, conta-se com orientações como as de Heine (1993), Machado Vieira (2004) e Krug (2011). E no que tange a orientações relativas à estruturação de predicções e predicadores complexos, bem como à configuração de predicados nominais, recorre-se ainda a Dik (1997) e Hengeveld (2011).

2. Um olhar funcionalista

A pesquisa das predicções nominais baseia-se numa perspectiva que concebe a língua como um instrumento de comunicação e interação social. E, então, procura observar e descrever a estrutura gramatical inserida na situação real de comunicação, considerando o objetivo da interação, os participantes e o contexto discursivo-pragmático, bem como fatores sociais, históricos e cognitivos que podem influenciá-la. Para tanto, busca analisar a língua em uso, trabalhando com dados reais de fala ou escrita examinados nos contextos comunicativos em que são coletados. Dessa forma, o uso das expressões linguísticas é determinado por condições reais de produção.

2.1. No estabelecimento do significado das construções

No modelo construcional de Goldberg (2003; 2013), uma construção gramatical é definida como um pareamento de forma/significado. As gramáticas das línguas são, então, concebidas como compostas por pares de esquemas conceptuais e padrões gramaticais que se inter-relacionam. O significado da construção não corresponde à soma dos significados das unidades lexicais, mas tanto as construções gramaticais quanto as unidades lexicais são combinações de forma e significado, um *continuum* léxico-sintático.

Dentro dessa perspectiva, as construções têm significado próprio e esquemático, independentemente dos verbos ou dos outros itens lexicais que as compõem. Assume-se, assim, que o significado de uma oração não consiste na combinação dos significados das partes da sentença, mas deriva-se também da construção, que, por si só, já é dotada de significado. A diferença do significado do verbo ou de outro tipo de item constituinte se dá pela compatibilização do sentido do verbo ou desse item com o sentido da construção. Tendo em vista que o significado global de uma sentença resulta da associação do significado construcional e do significado lexical, a estrutura de participantes/argumentos numa predicção nominal é determinada pelo item/sintagma predicativo e pela construção.

Em relação à gramaticalização de construções, compreende-se que trajetórias de sentido e de padrões funcionais emergem de determinados modos de organização sintática, em que a combinação dos constituintes assume maior relevância. Dessa forma, constata-se que os usos são padrões construcionais ritualizados, em que o sentido emergente não corresponde ao sentido da soma dos constituintes internos da construção.

2.2 Na definição do processo de gramaticalização: de construções com verbo predicador a construções com verbo relacional

Na gramaticalização de construções com verbos, uma potencialidade envolvida é o processo de auxiliarização: ocorrências de itens verbais deixam de se vincular a uma categoria lexical (verbo predicador, verbo pleno) e passam a vincular-se a uma categoria gramatical (verbo auxiliar, relacional ou suporte, entre outras possibilidades), ao serem acionados, rotineiramente, para compor certas estruturas e, nelas, desempenharem funções (mais) gramaticais. Eles passam a ser responsáveis basicamente pela marcação de certas categorias gramaticais (tempo, modo, aspecto, número e pessoa) e não mantêm a função lexical de predicação (de requisitar papel participante/argumento e suas condições semânticas de preenchimento). No caso das predicações nominais, esta função cabe a um sintagma não verbal e à construção de estado como um todo. Cabe ao elemento não-verbal predicativo, ao qual o verbo relacional não impõe restrição de qualquer natureza (até porque não funciona como predicador), o papel de especificar as condições semânticas de preenchimento do argumento sujeito. Comparando-se enunciados⁴ como *A menina é feliz* e **A pedra é feliz*, percebe-se que o predicativo “feliz” restringe o preenchimento do argumento externo, designando um participante sujeito [+ animado].

Nesse processo de gramaticalização, o item ou a construção sofre, geralmente, uma perda gradual de seu conteúdo nocional (dessemantização), ou seja, uma redução de seus usos concretos em prol da ampliação de seus usos abstratos, o que provoca a polissemia do item ou da construção. Com isso, passa a prestar-se à estruturação de novas expressões linguísticas. Pode haver uma composição de novas expressões a partir de formas gramaticais e lexicais já existentes, enriquecendo o inventário lexical da língua, ou a extensão do uso de formas já existentes para a expressão de novos conceitos, o que inclui um processo de analogia (e noções de transferência, metonímia ou metáfora).

Alguns itens chegam até a sofrer redução fônica, decorrente do aumento da frequência. É o que se vê, por exemplo, em certas construções com *estar* (“*Ele está/tá numa boa!*”), particularmente na oralidade.

Com a gramaticalização, também há um aumento da previsibilidade em relação ao emprego de certas formas linguísticas e da fixidez da posição contextual em que os constituintes da construção figuram. De acordo com Bybee (2003), a repetição tem papel crucial na gramaticalização, processo pelo qual uma sequência de palavras usada frequentemente se torna automatizada como uma unidade de processamento.

4. Os exemplos utilizados nesta subseção e nas duas subseções seguintes não compõem o *corpus* em que se baseia a análise de dados do PB e PE descrita na seção 3 deste artigo. Resultam de anotações de frases lidas ou ouvidas em fontes diversas e/ou de possibilidades de construção testadas a partir de leituras.

No estudo em questão, as ocorrências de *ser* e *estar* do *corpus* revelam algumas dessas propriedades que as vinculam mais ou menos nitidamente aos extremos do contínuo verbo lexical a verbo com caráter auxiliar (mais especificamente, verbo relacional ou cópula suporte): tais verbos geralmente relacionam uma referência a um atributo; são empregados de forma generalizada na representação de estados; têm pouco conteúdo nocional; quase não impõem restrições à configuração dos constituintes que relacionam, salvo em alguns casos; operam na construção como itens instrumentais que atuam sobre um sintagma adjetival, nominal, preposicional ou adverbial, conferindo-lhe função predicante em relação a um constituinte nominal, em construções pessoais.

Travaglia (2004) classifica o *verbo de ligação* como “item (verbo) funcional”, pois desempenha um papel nitidamente gramatical, ou seja, de significação interna à língua. Os *verbos de ligação* seriam incluídos nessa categoria por sua função relacional de conectivo. Nesse sentido, Travaglia (2004, p.2) propõe que os *verbos de ligação* são verbos em processo de gramaticalização,

por expressarem noções semânticas muito gerais e/ou mais abstratas (...), por serem meros ‘carregadores’ ou ‘suportes’ de categorias verbais não expressando uma situação (...), por exercerem funções próprias de outra categoria (a dos conectivos, em que parecem estar se transformando) ao atuarem como um item com uma função relacional entre dois elementos da cadeia lingüística. (TRAVAGLIA, 2004, p.2)

Dik (1997), de certo modo, também revela essa inclinação categorial ao descrever a categoria “cópula-suporte”, requerida, em algumas línguas e não em outras, para codificar tempo, aspecto e modo na predicação.

Ocorre que, em línguas como o Português, *ser* e *estar*, dois verbos copulativos muito frequentes, assumem, em diversas situações, funcionalidades diferentes. Essa diferença semântico-discursiva que podem revelar sugere que os verbos copulativos não são simples suportes gramaticais de categorias morfológicas, pelo menos não o são em todos os casos. Ademais, percebem-se outras sutilezas quanto a esses verbos. Por exemplo, em certas condições, o uso de *ser* é obrigatório e, em outras, o de *estar* é o esperado, como se pode perceber em: *Um jabuti é/*está um animal; O semáforo está/*é verde.*

Dik afirma que o verbo *ser* apresenta geralmente uma noção de estado permanente, enquanto *estar* apresenta uma noção de estado transitório, porém a pesquisa empírica de predicações contendo esses verbos no Português evidencia que *ser* e *estar* podem alternar-se na representação de tais estados, a depender de elementos do enunciado e até da enunciação, como se verá adiante.

Já Luft (1976), ao tratar dos *verbos de ligação* (que recebem também o nome de *verbos predicativos* e *verbos relacionais*), chama a atenção para o fato de que tais elementos podem expressar diferentes relações entre um termo referente e o termo que lhe atribui uma caracterização, conforme os “aspectos” que exprimem: “estado habitual” ou “aspecto permansivo” (*Ana é gente boa!*), “estado passageiro” ou “aspecto transitório” (*O menino está triste.*), “mudança de estado” ou “aspecto inceptivo” (*Os nossos sáiram vencedores*), “continuidade de estado” ou “aspecto durativo” (*O menino continua triste.*), “dúvida de estado” ou “aspecto dubitativo” (*O menino parecia triste*).

Segundo Coelho e Vitral (2010, p. 94), “a função copulativa é um estágio mais inicial da gramaticalização dos verbos plenos em verbos auxiliares e, como tal, carrega ainda algumas nuances do seu valor nocional, embora numa acepção mais abstrata”. Dessa forma, haveria um resquício semântico provindo da categoria verbo predicador que permitiria estabelecer as diferenças de estados encontradas nos verbos copulativos, como *estado permanente*, *temporário*, *mudança de estado*, *duração do estado* e *repetição do estado*.

Tendo como base a análise semântica, Coelho e Vitral (2010) constatam que os verbos copulativos não são verbos plenos. Utilizando a proposta de Benveniste (1966), observam que há duas categorias distintas para o verbo *ser*: a *cópula*, marca gramatical de identidade, e um verbo de exercício pleno, que coexistiram, sendo completamente diferentes, e que, em muitas línguas, fundiram-se. A acepção mais recorrente do verbo *ser* atualmente é a de um uso já gramaticalizado. Os autores citam, ainda, Travaglia (2003), que propõe que o verbo *ser* é atualmente um verbo mais gramatical do que lexical. Ele defende que os verbos gramaticais apresentam *status* de *marcador*, de *indicador* ou de *item funcional*. O uso de *ser*, portanto, como verbo de ligação, seria um misto de indicador (porque indica característica ou estado) e de item funcional (porque funciona como conectivo). Em relação ao verbo *estar*, verifica-se que, em sua etimologia, esse verbo apresenta mais de um étimo (no latim clássico, *stare* podia significar, com sujeitos animados, ‘oposto a sentar-se’; com sujeitos inanimados, ‘estar situado’ e ‘ficar’), que apresentam natureza nocional e natureza relacional.

2.3. Na categorização⁵ das construções com *ser* e *estar*: tipos de predicções nominais

Na categorização das predicções nominais, procurou-se observar a natureza semântica da predicação, segundo dois ângulos basicamente.

5. Segundo Taylor (1995), uma categoria representa uma rede de similaridades conjugadas que se relacionam em maior ou menor grau, conforme os atributos compartilhados pelos membros dessa rede. Há, então, membros mais exemplares (centrais) da categoria prototípica e outros menos exemplares desta (periféricos).

Tomaram-se por base dois tipos de predicados nominais para os propósitos deste trabalho: *predicados de indivíduo* e *predicados de estágio*, tanto para o PB quanto para o PE. Segundo Oliveira e Cunha (2003), os *predicados de indivíduo* são aqueles que caracterizam diretamente uma entidade, atribuindo-lhe propriedades permanentes ou intrínsecas. Já os *predicados de estágio* tratam de características de uma entidade delimitadas espacial e temporalmente, revelando, assim, um caráter mais temporário. As construções com *ser* seriam mais compatíveis com predicados de indivíduo, enquanto as construções com *estar* corresponderiam a predicados de estágio.

Outra observação sobre as predicções com os verbos *ser* e *estar* diz respeito à distinção massivo/contável⁶, tratada por Cunha, Ferreira e Leal (2010). Como o verbo *ser* caracteriza, prototipicamente, um indivíduo como um todo, propiciando predicados de indivíduo, geralmente pode conferir à predicação uma interpretação massiva (*Minha avó foi rica.*). Assim, não se espera enunciado como **Minha avó foi velha três vezes.* O verbo *estar*, por sua vez, figura geralmente em estruturas contáveis, descrevendo porções temporalmente delimitadas de um dado indivíduo, como em *Meu avô esteve feliz na semana passada.* Alguns autores, no entanto, defendem que a possibilidade de contagem não depende do verbo, mas da semântica do adjetivo, do sintagma predicativo, dentre outros fatores.

2.4. Na configuração semântica das construções com os verbos relacionais *ser* e *estar*

O estudo da configuração semântica das construções com esses verbos mostra que eles têm alguma parcela de contribuição semântica para a significação da predicação; assim, não são totalmente vazios de significado, ou, pelo menos, não o são em todas as construções. A troca de uma forma verbal por outra resulta em alterações de significado, como se vê em enunciados como *A menina é/está feliz* ou *A vida é/está difícil*, em que cada verbo relacional utilizado se presta à marcação de diferente nuance de estado: permanência e transitoriedade, respectivamente. E, ainda, a depender do contexto linguístico ou discursivo-pragmático, outros sentidos podem ser atualizados, como os de: continuidade e até aparência, que outros verbos relacionais normalmente marcam (*andar* e *parecer*), como nos exemplos: “As coisas aqui em casa *ainda estão* difíceis” (*continuam*), “As pessoas *estão sempre* preocupadas com a vida dos outros” (*andam*), “O custo de vida *ainda está* pela hora da morte” (*permanece, continua*), “Aparência é tudo! Com essa indumentária, *estou* ou não uma perua, uma verdadeira Valdirene?” (*pareço*).

Por outro lado, também já se observou que, a depender do sintagma predicativo, nem sempre se verifica esse intercâmbio entre *ser* e *estar* que resulta em marcações aspectuais distintas para o esta-

6. Os predicados contáveis são aqueles que se podem combinar com advérbios de contagem, enquanto os predicados massivos nunca se combinam com advérbios de contagem. Além destes dois tipos, pode ser identificado um terceiro grupo de predicados, que não revelam uma natureza marcadamente massiva ou contável.

do representado. Por exemplo, em enunciados como “Tudo o que ele acabou de me pedir é/*está para ontem.”, “Pedro é/*está este”, “O quadrado é/*está um quadrilátero”, não se mostra (tão) compatível o significado do verbo relacional *estar*. Em algumas construções em que se nota uma caracterização pela localização espacial de um evento, como em “A palestra é no auditório E-1” ou “A reunião com os investidores é na sala do diretor-geral”, a semântica do verbo *ser* parece compatibilizar-se mais produtivamente do que a semântica do verbo *estar*, outra percepção dos dados ainda a ser investigada.

E as construções de estado com *ser* e *estar* nem sempre configuram predicações com função atributiva, já que não designam propriamente uma caracterização/classificação de um participante, mas uma relação de equivalência entre entidades/referências. Assim, é possível cogitar uma espécie de gradação de sentido para as construções de estado com *ser* e *estar*, embora se reconheça, com base na observação do uso, uma frequência mais expressiva de construções com *ser* associadas a valor [+ permanente] e de construções com *estar* com valor [+ transitório]:

- (a) Há construções equativas com *ser*, no polo [+ permanente, - transitório], em que o verbo relacional se apresenta tão dessemantizado que praticamente equivale ao símbolo matemático de “=”, conforme se nota em instâncias de uso como “Dois mais dois são quatro.” e “Muito prazer! Eu sou Carlos.”, nas quais se constrói uma relação de identificação, que equaciona duas referências.
- (b) Há construções atributivas com *ser* ou *estar*, no polo [+ permanente, - transitório], em instâncias de uso como “um mero é um peixe grande”, “passaporte é documento de identidade”, “Michael Jackson está morto”, “A peça está em cartaz há 10 anos”, “As pessoas são agressivas por tudo e por nada”, “O custo de vida está alto há muito tempo”, nas quais sobressai uma relação de caracterização objetiva ou subjetiva.
- (c) Há construções atributivas com *ser* e principalmente com *estar*, no polo [- permanente, + transitório], em instâncias de uso como “José Aldo é campeão peso pena do UFC.” ou “A menina está doente.”

A propensão a uma dessas interpretações decorrerá de elementos da predicação ou do contexto discursivo-pragmático, por exemplo: de elementos do conhecimento de mundo, da percepção sobre a configuração de um estado de coisas como pontual, faseável, duradouro ou permanente/imutável, da semântica do elemento predicativo, do caráter massivo/genérico ou particular do argumento sujeito, da semântica de expressões circunstanciais, do tempo verbal.

3. Materiais e procedimentos de pesquisa do uso observável em textos orais e escritos brasileiros e portugueses

Para desenvolver a pesquisa, partiu-se de predicções com *ser* e *estar* extraídas de textos portugueses e brasileiros orais e escritos. Os dados brasileiros foram coletados em editoriais e notícias lidas no Jornal O Globo *online* e em inquéritos do tipo DID (diálogo entre informante e documentador) do acervo *online* do Projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC-RJ). E os de Portugal foram coletados no acervo *online* do Projeto Análise Contrastiva de Variedades do Português (VARPORT), que conta com trechos de notícias e editoriais de jornais portugueses e inquéritos do tipo DID. Vale dizer que, na amostra de textos em que se fez o levantamento de dados, *ser* e *estar* aparecem mais frequentemente como verbos relacionais do que em qualquer outra subcategoria verbal⁷, e isso se revela nas duas variedades do Português.

A partir do exame qualitativo das construções que compõem essa amostra, separaram-se todas aquelas predicções em que se identificaram empregos de *ser* e *estar* como verbos relacionais. Com isso, constituiu-se um *corpus* de 200 ocorrências de construções com *ser* e outras 200 com *estar* distribuídas, em relação a cada verbo, por variedade nacional desta forma: 50 predicções extraídas de textos escritos brasileiros (notícias e editoriais), outras 50 de textos escritos portugueses (notícias e editoriais), 50 de entrevistas do tipo DID brasileiras, outras 50 de entrevistas do tipo DID portuguesas.

Todos os dados foram analisados quanto i) ao valor semântico marcado por esses verbos relacionais; ii) à forma e à semântica do sintagma que se liga a esses verbos e tem função de predicativo; iii) à configuração semântica do argumento sujeito (sua função e seu caráter de animacidade) e iv) à ordem dos constituintes nas predicções nominais do *corpus*. Procedeu-se a uma análise qualitativa dos dados que, enfim, viabilizasse detectar aspectos gramaticais relativos ao pareamento entre forma e função (semântica e pragmática) que são regularmente especificados nas construções estativas com os verbos relacionais *ser* e *estar* no Português.

A descrição resultante da pesquisa desses materiais está fundamentada em construções com *ser* e em construções com *estar* das duas variedades do Português averiguadas. A análise contrastiva

7. O verbo *ser* também é usado produtivamente em construções em que atua como verbo semi-auxiliar de voz passiva (Ex. “As primeiras informações dão conta que a Zafira teria tentado fazer uma ultrapassagem, não conseguiu e *foi* atingida frontalmente pelo ônibus. [O Globo online, notícia, 26.12.11]). E o verbo *estar* é usado mais frequentemente ou como verbo predicador em construções locativas (Ex. “O gerente já *estive* no Centro de Controle Operacional da Concessionária, por volta de 9h50m (...).” [O Globo online, notícia, 09.02.12]) ou em construções em que atua como verbo semi-auxiliar de aspecto contínuo (Ex. “Muita gente já *está* abolindo banheiro, mas eu já estou velho e já tive uma coisa que é muito dolorosa, cálculo renal”. [NURC-RJ, DID, Inquérito 144]).

por variedade não se revelou produtiva, pelo menos não no levantamento de dados feito até o momento. Assim, ao longo da próxima seção, mesclam-se dados do PB e do PE, uma vez que todos foram examinados segundo os mesmos critérios de observação e as instâncias de uso de tais construções revelam características bastante semelhantes em ambas as variedades.

4. Uma análise de predicações do Português com os verbos relacionais *ser* e *estar*: formas e sentidos em jogo

Embora as construções atributivas com *ser* e *estar* sejam as mais produtivas no *corpus*, também se identificaram algumas instâncias de uso de construções equativas com *ser*.

(5) o colégio onde eu os queria pôr, que era na Estrada de Benfica, eh, o Grão Vasco, acho que **era** o Grão Vasco [...].[PE, VARPORT, entrevista, Oc-P-70-1f-004]

Em (5), registra-se um exemplo de construção equativa que apresenta uma relação de identificação entre o participante/referente sujeito e o predicativo (“o colégio onde eu os queria pôr, que era na Estrada de Benfica” = “o Grão Vasco”). Nesse exemplo, também há uma construção atributiva com *ser*, cuja caracterização se dá mediante localização espacial (“na Estrada de Benfica”), em consonância com a metáfora de que estados são localizações. A descontinuidade da situação sinalizada pelo tempo do verbo confere uma noção de transitoriedade ao estado representado, o qual, em recorte temporal anterior, se caracterizou como durativo.

Exemplos de construções atributivas estão em (6) e (7):

(6) Com as obras do porto prontas, a demolição do resto do elevado **será** rápida. Precisa apenas dar uma boa melhorada no mergulhão, que não **está** bom. [PB, Jornal O Globo *online*, notícia, 24.11.11]

Em (6), observam-se exemplos de construção atributiva em que há uma caracterização subjetiva a respeito da referência que ocorre como argumento sujeito (respectivamente, “a demolição do resto do elevado” e “que”/“o mergulhão”), com caráter mais transitório. Ainda sobre esse exemplo é válido ressaltar que: (i) a substituição de *ser* por *estar* em (6) acarretaria nuance distinta para o estado representado, invocando, em lugar de evento pontual, a duração/o processo da demolição do resto do elevado; (ii) já o contexto seguinte não viabiliza esse tipo de substituição (*estar* por *ser*) para marcar diferença aspectual.

(7) Todos estão mortos. [PB, Jornal O globo *online*, notícia, 19.01.12]

Em (7), há uma relação de caracterização que exprime estado permanente, propiciado pelo uso do adjetivo *mortos*.

De um modo geral, as predicções nominais do *corpus* exemplificam, no PB e no PE, essencialmente o seguinte padrão de relação entre forma e sentido em construções pessoais:

[**Sintagma Nominal sujeito**⁸ + **verbo relacional** + **Sintagma Adjetival/Nominal/Preposicional/(Adverbial) predicativo**]

O sintagma predica um atributo (objetivo, conforme se nota em (8) e (14c); ou subjetivo, em (9) e (11b)) do sintagma tomado como argumento, representa uma entidade, caracterização ou circunstância que se predica, sob uma atitude discursivo-pragmática de descrição em (10a), avaliação em (10b) e (13) ou localização em (12) e (14b), em relação ao sintagma argumento. Por exemplo:

(8) O tubarão **é** o topo da cadeia alimentar no oceano. [PB, O Globo, notícia, 12/09/2012]

(9) A concepção **é** o momento único, sublime, magnífico, em que a vida humana começa, pela simples razão de que aí se inicia um processo que, se não for interrompido, dará inexoravelmente origem a um ser humano. [PE, VARPORT, editorial, E-P-95-Je-004]

(10) Eu **sou** mulher de militar_(a), a vida pra nós no começo **foi** dura_(b), e então nos restringíamos àquilo que ele recebia, o que nós recebíamos, porque eu também trabalhava. [PB, NURC, entrevista DID, 0140]

(11) Existe uma regra que nos oceanos **é** literal_(a). Tamanho **é** documento_(b). [PB, O Globo, notícia, 12/09/2012]

(12) Então te... chegava na calçada, tirava, levava pra dentro da casa, molhava toda a casa, né, que realmente o depósito **era** no quintal. [PB, NURC-RJ, entrevista DID, Inquérito 144]

(13) não haver carne suficiente para ELA ou ou... pra mim ou pra família pra criança não importava né então eles **estavam** acostumados [...]" [PB, NURC-RJ, entrevista DID, Inquérito 0133]

8. Embora haja a possibilidade de construções de estado impessoais, como, por exemplo, as que representam tempo (*são duas horas, estava frio*), detectou-se somente um dado no *corpus*: “em relação a, a, a escolas eu tenho a impressão que não seria bem aquele colégio que eu gostava para eles. mas quando, eh, pensei, **já era um bocado tarde**, e o colégio onde eu os queria pôr, que era na Estrada de Benfica, eh, o Grão Vasco, acho que era o Grão Vasco, não tinha vagas, [...]” [PE, VARPORT, entrevista, Oc-P-70-1f-004]

(14) *é* triste_(a), nós chegarmos à conclusão de que as melhores horas para trabalhar *é* à noite_(b), quando **está** tudo fechado_(c), ninguém nos aborrece ou então, por exemplo, no meu escritório, nos fins-de-semana. [PE, VARPORT, entrevista, Oc-P-70-1m-002]

Da análise contrastiva entre as predicações nominais do PB e as do PE, obtiveram-se, mais ou menos, os mesmos resultados no que diz respeito à configuração formal e funcional das construções com *estar* e à das com *ser*.

Em 200 predicações nominais do *corpus* analisado, as construções com o verbo relacional *estar* reúnem instâncias de uso que se prestam à representação de estados com aspecto [+ permanente] ou duradouro, bem como instâncias de uso que representam estados com aspecto [+ transitório]. A identificação do valor aspectual da construção depende de elementos da predicação e até do contexto discursivo-pragmático, conforme ilustram os exemplos (15-18):

(15) “Muita gente já *está* abolindo banheira, mas eu já **estou** velho e já tive uma coisa que *é* muito dolorosa, cálculo renal”. [PB, NURC-RJ, DID, Inquérito 144].

Nesse exemplo, colaboram para ressaltar o caráter permanente ou duradouro do estado representado nessa predicação: o adjunto adverbial “já”, que sugere um estágio alcançado que aparenta não poder ser ultrapassado, bem como o próprio elemento predicativo do sujeito, “velho”, cuja significação indica um estágio final numa sequência de fases de maturação dos seres vivos.

(16) Todos **estão** mortos. [PB, O Globo *online*, notícia, 19.01.12]

(17) A colisão aconteceu às 15h45m de domingo e, segundo a Polícia Rodoviária Federal, um dos condutores **estava** alcoolizado, perdeu controle em uma curva e invadiu pista contrária. [PB, Jornal O Globo *online*, notícia, 26.12.11]

(18) O Ministério das Relações Exteriores divulgou nesta segunda-feira nota em que lamenta a morte da diplomata Milena Oliveira de Medeiros, que havia contraído malária no final do mês passado e **estava** internada num hospital em Brasília em estado considerado gravíssimo. [PB, Jornal O Globo *online*, notícia, 26.12.11].

No exemplo (16), o adjetivo *mortos* indica um estágio final alcançado, influenciando, assim, no valor semântico do verbo *estar*. Então, este deixa de indicar estado transitório e passa a sinalizar

aspecto [+permanente] por influência da construção de estado em que se encontra. Para essa leitura de estado de coisas permanente contribui também o conhecimento de mundo, já que “mortos” exprime um estado para o qual não há possibilidade de mudança. Já nos exemplos (17) e (18), também por meio do conhecimento de mundo do falante/ouvinte e de elementos da predicação, como o tempo verbal e a própria natureza dos adjetivos empregados (*alcoholizado* e *internada*), infere-se que o aspecto do verbo *estar* apresenta um caráter [+transitório].

Observou-se também que as construções com tal verbo relacional são acompanhadas de um sintagma não-verbal predicativo que representa estado físico e tem estatuto [+concreto] na maioria das vezes:

(19) Bom, esse meu apartamento aqui só descrevê-lo me deixa triste, porque muito tempo estou querendo sair dele, né, aliás, eh, desejo porque ele já **está** muito pequeno pra nós. [PB, NURC-RJ, entrevista DID, inquérito 0153]

Esse constituinte figura geralmente sob as formas de Sintagma Adjetivo não-participial (como nos exemplos (15) e (6)) e Sintagma Nominal, como em:

(20) porque o soufflé **está** uma porcaria. [PE, VARPORT, entrevista, Oc-P-90-1f-007]

Quanto à configuração do argumento sujeito das construções com *estar*, verificou-se que, além de papel de tema, em alguns dados aparece com papel de paciente (como em (18)); e pode ter caráter humano ou caráter inanimado (respectivamente, em (17) e (3)). E a ordem dos constituintes não-verbais sujeito e predicativo é geralmente direta (a ordem típica em Português).

No caso das construções com o verbo relacional *ser*, sobressaíram instâncias de uso com a marcação do aspecto de permanência de um estado, conforme revela o exemplo a seguir:

(21) Impostos, Saúde e Segurança Pública **são** as áreas de pior avaliação do governo. [PB, Jornal O Globo online, notícia, 04.04.12].

Não obstante, também se encontram construções com *ser* em que ganha relevo o caráter transitório do que se representa, como em (22). Naturalmente, também contribui para essa possibilidade de leitura o tempo do verbo *ser*, além de nosso conhecimento de mundo sobre as etapas de desenvolvimento humano.

(22) “Nós moramos ali eu já **era** rapazinho e estava na faculdade. Até uma vez entrou um ladrão lá”. [PB, NURC-RJ, entrevista DID, inquérito 0233]

Nas predicações nominais com *ser*, o elemento predicativo aparece mais produtivamente sob a forma de Sintagma Nominal (como em (21), (10a), (8)). E, também, frequentemente representa estado físico e tem estatuto [+ concreto]. O argumento sujeito apresenta o papel prototípico de tema e geralmente é inanimado. E a ordem também é direta na maioria dos dados analisados: sintagma sujeito + verbo relacional + sintagma predicativo. Em (23), a construção apresenta a ordem direta: sujeito (*a sala*), verbo (*era*) e predicativo do sujeito (*muito pequena*).

(23) a sala **era** muito pequena não dava pra muita coisa não... [PB, NURC-RJ, entrevista DID, inquérito 0011]

Os dados do Português de Portugal apresentaram as mesmas características tanto no caso das construções com o verbo *estar* quanto no das com o verbo *ser*, ou seja, não houve diferenças significativas entre os dados do PB e do PE.

Detectou-se, por conseguinte, uma relativa fixidez na ordenação dos sintagmas sujeito e predicativo nas predicações nominais com ambos os verbos no Português.

Em relação aos tipos de predicações nominais, verificou-se que as construções com o verbo *ser* apresentam geralmente *predicados de indivíduo*, pois cumprem o papel prototípico de caracterizar uma entidade atribuindo-lhe propriedades mais permanentes ou inerentes, como em:

(24) as universidades aqui **são** universidade maiores, a técnica, a universidade de Lisboa, etcétera, mas não havia justificação para que o desequilíbrio fosse tão grande, tipo setenta e cinco por cento de candidaturas... de Lisboa e o resto, os outros vinte e cinco por cento do resto do país! [PE, VARPORT, entrevista DID, Oc-P-90-2m-005].
 (25) O pescador da Nazaré **é** o homem que está sempre a jogar a vida na luta com as ondas [...]. [PE, VARPORT, editorial, E-P-94-Je-002]

As construções com o verbo *estar*, por sua vez, exibem mais frequentemente *predicados de estágio*, pois apresentam características delimitadas espacial e temporalmente de uma entidade, revelando, assim, um caráter mais temporário, faseável. Em (26), percebe-se isso até por influência da conjunção “enquanto”, que acentua o caráter mais transitório da construção de estado:

(26) Enquanto o ferro **está** quente é que se bate: agitemos mais a questão, se acaso logramos interessar alguém no estudo do magno problema dos nossos metodos de ensinar e de aprender. [PE, VARPORT, editorial, E-P-92-Je-003]

Porém, também ocorrem com *predicados de indivíduo*, como em:

(27) que é o centro Gulbenkian de ciência e **está** lá o centro de biologia. mas o, isto, isto tem que se continuar sempre lá fora. mesmo eles, o estatuto de, de, de emprego lá nesse centro, passa-se, quer dizer, inclui estadias no estrangeiro obrigatórias. que eles, claro, pagam mas, que a pessoa tem que se dispor a fazê-las. [PE, VARPORT, entrevista, Oc-P-70-1m-001]

Da análise do carácter massivo/contável dos elementos predicativos, notou-se, tanto no PB quanto no PE, a tendência já referida em estudos anteriores de as construções com o verbo relacional *estar* conterem predicativos contáveis associados a argumentos sujeitos particulares e de as construções com *ser* conterem predicativos massivos, como verificamos nos seguintes exemplos extraídos do *corpus*:

(28) Era uma casa, era uma beleza de casa. Todo o madeirame dela é de pinho-de-riga, todo o madeirame. [PB, NURC-RJ, entrevista DID, inquérito 0233]

(29) o colégio onde eu os queria pôr, que era na Estrada de Benfica, eh, o Grão Vasco, acho que era o Grão Vasco, não tinha vagas, e depois pu-los mesmo ali, e como eles **estão** contentes e dão-se bem com os, com os moços da mesma idade e com as educadoras e com a professora [...]. [PE, VARPORT, entrevista, Oc-P-70-1f-004]

Em (28), nota-se um predicativo massivo, pois se refere a um indivíduo (inanimado, no exemplo) como um todo, ocorrendo, prototipicamente, com predicados de indivíduo, tanto no PB quanto no PE. Podemos observar que não há a possibilidade de ocorrência de expressões quantitativas (*Era uma casa, era uma beleza de casa. Todo o madeirame dela é de pinho-de-riga* *?*nesta semana/duas vezes/nos últimos dias*).

Em (29), há a ocorrência de um predicativo contável, pois apresenta uma característica delimitada (temporalmente) de indivíduos, ocorrendo, geralmente, com predicados de estágio, também nas duas variedades da língua portuguesa em análise. É possível utilizar expressões quantitativas, como *eles estão contentes esta semana/nos últimos dias*.

Vale lembrar que alguns autores defendem que a possibilidade de contagem não depende apenas do verbo, mas da semântica do adjetivo, do sintagma predicativo, dentre outros fatores, ou seja, depende da construção como um todo.

Esse estudo semântico das predicações nominais é importante para a revisão da distinção que normalmente se estabelece entre as construções com *ser* e as com *estar* no que tange ao nível do significado. Em geral, as construções com *ser* e as com *estar* são associadas, respectivamente, à representação de estados permanentes *versus* transitórios. Porém, nem sempre é isso que revelam as construções em uso.

Considerações finais

Embora ainda esteja no início, a pesquisa das construções com os verbos relacionais *ser* e *estar* já encaminha resultados interessantes.

A pesquisa empreendida até aqui ratifica a frequente caracterização, na literatura linguística, de instâncias de uso de construções com os verbos relacionais *ser* e *estar* como construções de estado permanente e estado transitório, respectivamente. Porém, acrescenta resultados que chamam a atenção para outros matizes de configuração semântica dessas construções de estado, que, se supõe, se distribuem num *continuum* semântico, que relaciona noções como permanência/transitoriedade, duração/pontualidade, continuidade/descontinuidade, aparência/essência. Talvez o estabelecimento desse *continuum* até ponha em evidência o grau de gramaticalização dos verbos relacionais nessas construções, pois se observam construções com *ser* em que este ocorre vazio de significado e outras em que sua contribuição semântica, distinta da de *estar*, interfere no sentido da construção.

A relação entre forma e sentido das construções nas predicações nominais com *ser* e *estar* é determinada pela semântica do verbo relacional, pela semântica do sintagma predicativo do sujeito e pela semântica da construção em si. E ainda colaboram para o sentido dessas construções elementos do contexto linguístico e do contexto discursivo-pragmático.

Da comparação que se empreendeu entre os dados brasileiros e portugueses, o resultado a destacar, além do da repetição da ordenação (canônica) dos constituintes sujeito e predicativo do sujeito, é a constatação de que se usam basicamente instâncias de um mesmo padrão de configuração de predicações nominais em ambas as variedades.

Artigo recebido: 31/08/2013

Artigo aceito: 14/12/2013

Referências

BYBEE, Joan L. “Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency.” In: JOSEPH, B; JANDA, R. (eds.) *A handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

_____. “Usage-based theory and grammaticalization.” In: NARROG, Heiko & HEINE, Bernd. *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford University Press, 2011. p.69-78. (cap. 6).

COELHO, S; VITRAL, L. (org.). “O estatuto gramatical dos verbos relacionais.” In: *Estudos de Processos de Gramaticalização em Português – Metodologias e Aplicações*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010. p.75-104.

CUNHA, Luís Filipe; FERREIRA, Idalina; LEAL, António. “A distinção massivo/contável no domínio adjectival: o caso das construções predicativas com adjectivos.” In: *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, 2010.

DIK, Simon C. *The theory of functional Grammar – Part I: The structure of the clause*. Ed. Kees Hengeveld. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997. Cap. 1, 3 e 8.

GISBORNE, Nikolas & PATTEN, Amanda. “Grammaticalization and construction grammar.” In: *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford University Press, 2011. Cap. 8 (p. 92-104).

GOLDBERG, Adele E. “Constructions: a new theoretical approach to language.” *TRENDS in Cognitive Sciences*, 5: vol. 7, maio de 2003.

_____. “Constructionist approaches.” In: HOFFMANN, Thomas & TROUSDALE, Graeme. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. USA: Oxford University Press, 2013.

HEINE, Bernd. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1993.

HENGEVELD, Kees. “The Grammaticalization of Tense and Aspect.” In: NARROG, Heiko & HEINE, Bernd. *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford University Press, 2011. p.580-594. (cap. 47).

KRUG, Manfred. “Auxiliaries and grammaticalization.” In: NARROG, Heiko & HEINE, Bernd. *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford University Press, 2011. p.547-569. (cap. 45).

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos S. “Perífrases verbais: o tratamento da auxiliaridade.” In: VIEIRA, Silvia Rodrigues & BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *Morfossintaxe e ensino do Português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004.

OLIVEIRA, Fátima; CUNHA, Luís Filipe. “Termos de espécie e tipos de predicados.” In: Fonseca, A. M. Brito, I. M. Duarte & J. Guimarães (orgs.) *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes*. Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2003; pp. 57-78.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. 2ª ed. Oxford: Calderon Press, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. “Verbos de ligação: itens lexicais ou gramaticais?” In: *Estudos Linguísticos*. Campinas, São Paulo, volume XXXIII, 2004. pp.1-7.